A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO LEXICULTURAL NO ENSINO MÉDIO

Rosemeire de Souza Pinheiro T. SILVA[1]
Universidade Federal de Goiás (UFG/CAC)
meirespinheiro@yahoo.com.br

Resumo

A herança linguística é o maior patrimônio que um povo possui, porém devido às mudanças, fatos, acontecimentos e diversidades culturais as linguagens estão mudando, outras estão ganhando novos sentidos. Assim, não podemos continuar ensinando a língua portuguesa como antes, não podemos ignorar as modificações multiculturais, as quais influenciam no valor lexical. Para ensinar línguas é necessário contextualizar as expressões, respeitar os aspectos geográficos, culturais, históricos e linguísticos. Nesse sentido, esse estudo será abordado com base em reflexões sobre o ensino e aprendizagem do léxico na língua portuguesa no ensino médio, no que tange à preparação de nossos alunos para entender os processos de sinonímia, antonímia, polissemia e homonímia não de forma decorada, isolada e superficial, como aparecem nos livros didáticos, mas inseridas em um contexto sociocultural, levando-se em consideração a diversidade linguística e o conhecimento prévio do aluno. O arcabouço teórico deste estudo se fundamenta, nas contribuições de Isquerdo (2010), Vilela (1994), Biderman(2001; 2011) , Coelho (2008) e Dias (2006) dentre outros teóricos que trilham pelo mesmo caminho.

Palavras-chave: léxico; livro didático; cultura

Atualmente avanços tecnológicos, midiáticos, culturais, linguísticos têm renovado a sociedade e funcionado como ponte para um conhecimento múltiplo, que rompe com barreiras e estruturas limitadas, decoradas que não exigem discussão muito menos reflexão. Dessa forma, pessoas que desfrutam deste mundo pós-moderno também necessitam de um ensino renovador que acompanhe as evoluções e transformações sociais. Assim, neste trabalho refletiremos a respeito de um dos intermediários do conhecimento escolar, que é o livro didático, ferramenta utilizada pelos professores no processo educativo. Esse material pedagógico tem passado por diversas alterações, mesmo com tantas mudanças ainda não está correspondendo às expectativas e as necessidades dos docentes e dos discentes. Frente a tanta tecnologia, avanços científicos, cinematográficos e virtuais, os livros didáticos e os professores precisam se adequar a nova realidade, ao invés de continuar a repetir situações de problemas isolados as quais não levam o aluno a desenvolver o raciocínio e nem a assimilar a proposta apresentada ao seu contexto por esta estar distante de sua realidade. No período de uma década atuando como docente, trabalhando com diferentes livros didáticos de Língua Portuguesa (LP), percebe-se que não são muitos os materiais didáticos que abordam aspectos da realidade em que o estudante se insere. Com a propagação da Linguística Textual e a difusão dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, os estudos linguísticos paulatinamente têm transcendido as estruturas imanentes da língua, as quais focavam apenas

---

[1] Mestranda em Estudos da Linguagem pela UFG - Campus Catalão. Professora de Letras Português/ Espanhol do Instituto Federal Goiano – Campus Iporá.

na frase e no texto fora do contexto, mas ainda falta uma longa caminhada para que a competência comunicativa e lexical do aluno seja coerente com os avanços tecnológicos, sociais e culturais. Nos últimos anos temos assistido a um avanço significativo nos estudos da linguagem, pois o campo lexical ficou muito tempo a mercê da gramática tradicional, apenas na segunda metade do século é que se desenvolveu um estudo ancorado em teorias lexicais, focando a descrição ou análise do léxico das línguas. O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes (SAPIR, 1969, p.45). Sendo assim, o léxico reflete as tradições, a história, o presente, o passado, seja o ambiente físico, social ou cultural, pois na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos de cultura (BIDERMAN, 2001, p. 9). De acordo com Santos (2006, p.45) a cultura é um produto coletivo da vida humana. Ao tentar encontrar alicerce para os anos de jornadas como docente, juntamente com esses estudiosos, percebemos que a língua tem que ser estudada em um contexto e não de forma isolada. Os alunos ao saírem do ensino médio tem que dominar não apenas a competência comunicativa, mas a lexical também, pois o léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo duma comunidade. (VILELA 1994; p.6)

Segundo Câmara (1977, p. 16):

> A língua é assim, antes de tudo, no seu esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural e estrutural.

Assim, no universo cultural e social a língua é moldada e adequada de acordo com conceptualização dos membros de uma sociedade específica e todos os costumes, tradições, crenças, invenções e atividades estão correlacionados com o campo lexical. Desse modo, a palavra, só pode ser vista enquanto imersa num dado contexto, ou seja, o ensino de línguas nas escolas não pode ignorar o externo e se prender somente em regras, pois a linguagem é modificada, enriquecida e ampliada com o contato social e cultural. A linguagem é tanto um fenômeno biológico quanto cultural (LYON 1987, p.291). Com isso, Chauí (2001) também salienta que a linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos (p.141). Diante de tais reflexões nos cabe questionar: Os livros didáticos ampliam ou limitam o vocabulário do aluno?Qual a forma mais adequada de se ensinar o léxico no português, para que o ensino seja eficaz e possibilite ao aluno um maior domínio com relação a sua língua materna?Com o intuito de responder aos questionamentos propostos nos apoiaremos em alguns estudos bibliográficos, literaturas lexiculturais e exemplificaremos com alguns exercícios de livros didáticos de LP usados pelos alunos do ensino médio.

Continuaremos nossa reflexão a respeito dos livros didáticos usados no ensino médio, os quais muitos têm buscado resultados eficientes, principalmente na aprovação do vestibular e de concursos públicos, porém ainda precisam passar por sérias renovações. No ensino de LP, os materiais de ensino transformaram-se historicamente (FREGONEZI, 1997, p. 128). Mesmo diante de muitas transformações os materiais didáticos necessitam de uma reflexão e de uma intervenção por parte do professor. Segundo Fregonezi (1997), qualquer livro didático, de certa forma, está sempre incompleto, exigindo a interferência do aluno e do professor para completá-lo, assim, o livro é apenas um dos auxiliares para o conhecimento, não podendo ser o único instrumento que carrega a verdade. Principalmente para o ensino de línguas, precisamos refletir a respeito do manuseio dos materiais e as interferências, pois a língua é viva e reflete o sistema, cujo qual está em constantes mudanças. Dessa forma, o estudo lexical é de extrema importância para o desenvolvimento da competência

comunicativa e lexical, porque quanto mais aprofundado no contexto do falante os exercícios e as aulas estiverem mais facilidade o discente terá para entender, compreender as situações problemas, argumentar de forma precisa e coerente, articular ensino e mundo e produzir textos. Assim, para estudar a Língua Portuguesa com foco no léxico tem que contextualizar os conteúdos e os exercícios no contexto social. O intermediador do conhecimento ao trabalhar o léxico pode ensinar de uma forma ampla, reflexiva e atual, de acordo com os fatores sociais, econômicos e culturais do indivíduo.

> Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio- econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA; ISQUERDO 2011, p.9)

Na mesma linha de pensamento das pesquisadoras, Biderman (2001 p.13) salienta que o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. As línguas em si só podem ser completamente entendidas no contexto das culturas nas quais elas estão encaixadas inextricavelmente; assim, linguagem e cultura são estudadas juntas (LYON, 1987, p.293). Nesse mesmo entendimento cultural, Chauí (2001 p.61) reflete que a cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A cultura traz sentido à palavra, o léxico tem que ser tratado em contexto. Como podemos tratar *frio e calor*, fora de um contexto geográfico? Aqui, no Brasil, na região centro-oeste abaixo de quinze graus é considerado frio e se comparar com a Europa é quente, países que chegam a ficar no negativo, quando chegam a quinze graus é considerado quente. Frente a esses exemplos não podemos apenas classificar em frio ou quente, temos que valorizar o espaço geográfico, social, cultural e até mesmo biológico do indivíduo e produzir reflexão. "A língua é exterior e anterior ao indivíduo, existe na memória coletiva, na memória dos que a aprenderam e a falam, é um fato e um fenômeno social, encontrando-se à disposição das pessoas pertencentes à mesma comunidade linguística". (COELHO, 2006, p.79) A partir desse cenário de *quente/ frio* Dubois relata que

> Os antônimos são unidades de sentidos contrários; essa noção de "contrário" define-se em geral em relação a termos vizinhos, os complementares (macho vs. fêmea) e os recíprocos (vender vs.comprar) [V. COMPLEMENTARIDADE, RECIPROCIDADE]. Pode-se tomar como exemplo de antonímia a oposição bonito vs. feio. Para defini-los, usa-se habitualmente a operação ou teste de comparação, que põe em evidência uma das suas características, a gradação. Compara-se a qualidade representada pelo adjetivo e um grau mais alto dessa qualidade (comparativo), como em *Maria é mais feia que Cecília*, ou então, comparam-se dois estados da mesma coisa ou do mesmo ser no tempo ou no espaço, como em *Nossa casa é agora mais bonita que antes.* Dir-se-à então que há antonímia quando *Nossa casa é mais bonita que a sua (é bonita)*implica Sua casa é mais feia que a nossa (é feia). (DUBOIS 1978; p. 56 e 57)

De acordo com esse prisma Dias (2006; p.200) salienta que

> A antonímia propriamente dita é a relação que faz com que os antônimos tenham a possibilidade de comparação e guardam em si uma característica inerente que dá margem a uma graduação implícita ou explícita. Exemplos: "Esta estrada é larga" implica "esta estrada não é estreita" e " Esta estrada é estreita" implica "esta estrada não é larga".

Assim, podemos perceber que esses exemplos mostram que a oposição de um termo implica a afirmação de outro, ou vice-versa. Porém não podemos apenas classificar, temos que contextualizar. Coelho (2008) exemplifica que *casado* implica *não solteiro, não solteiro* implica *casado, não casado* implica *solteiro* e *solteiro* implica *não casado*. O pesquisador continua sua discussão salientando que nem sempre o par apresentará essa complementaridade, *bom/mau* não são totalmente complementares entre si, pois se *bom* implica *mau*, *não bom* não implica *mau*, ambos podem aparecer como sendo mais ou menos, sem excluir totalmente o outro, mas incorporando possibilidades que no outro existem como exigências. (COELHO 2008; p. 63)

Refletimos a respeito de vários exercícios, porém selecionamos alguns para exemplificar nossa discussão.

Exercício 1- (Novíssima gramática ilustrada Sacconi, 2010, p.87)

10. Identifique as palavras antônimas:

a) foz/nascente
b) paulatino/rápido
c) mudo/falaz
d) inflação/deflação
e) profano/sacro
f) opulento/rico
g) prolixo/lacônico
h) setentrional/meridional
i) amainar/agitar
j) obtuso/inteligente

Exercício 2- (Português Linguagens, volume 1, Ensino médio, Cereja 2005, p.131)

4. O humor da tira se constrói a partir do uso de palavras antônimas:

(Fernando Gonsales. *Níquel Náusea — Nem tudo que balança cai*. São Paulo: Devir, 2003. p. 29.)

a) Quais são as palavras antônimas que se baseia o humor da tira?
b) Essas palavras indicam características externas ou internas?
c) Por que a última palavra empregada pela personagem é responsável por criar o humor?

O Exercício 1 pede para identificar as palavras antônimas sem nenhuma aplicação, é uma gramática pura e estrutural, não leva em conta o conhecimento de mundo do falante, testa

apenas o "conhecimento" superficial a cerca do assunto. Já o Exercício 2 em relação ao exercício 1 evoluiu, por utilizar a linguagem verbal e não verbal e por trazer o assunto de forma contextualizada, mesmo que seja dentro de um pequeno contexto. Mesmo apresentando uma abordagem de maneira interessante em relação ao tratamento dado ao ensino do léxico não é levado em consideração o fator cultural, não tem abertura no exercício para o aluno se expressar ou comparar com sua realidade, cultura ou meio social, ou seja, são questões que não exige do aluno reflexão. Outra questão que sucinta reflexão é a relação das palavras *feio* e *bonito*, qual é o padrão estipulado para *feio* e para *bonito*? Comparando com que?

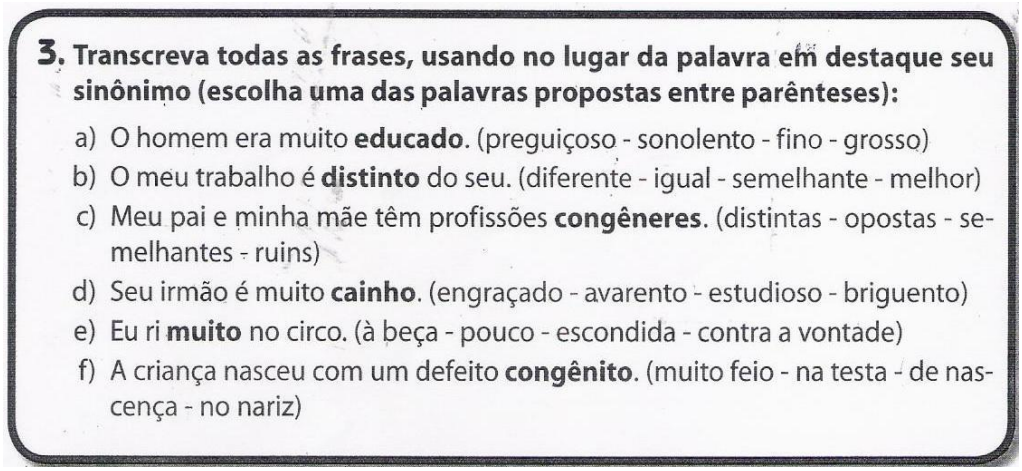
> Assim, tanto no estudo de culturas de sociedades diferentes quanto das formas culturais no interior de uma sociedade, mostrar que a diversidade existe não implica concluir que tudo é relativo, apenas entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre elas. Nem tudo que é diverso o é da mesma forma. Não há razão para querer imortalizar as facetas culturais que resultam da miséria e da opressão. Afinal, as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir. (SANTOS 2006; p.20)

Uma palavra pode ter vários significados, depende do texto e contexto que está aplicada para os sentidos se formarem, logo o professor tem que ser o mediador e o facilitador do conhecimento, tem que alertar os alunos e trabalhar o que os livros didáticos não trazem ou não exploram. Os professores de Língua Portuguesa têm que ter esse cuidado ao trabalhar léxico em geral, seja com antonímia, sinonímia, parônima ou homonímia, ou qualquer outra. A respeito de sinoníma Dubois(1978) aborda que

> A sinonímia pode ter duas acepções diferentes: ou dois termos são ditos sinônimos quando têm a possibilidade de se substituírem um ao outro num único enunciado isolado (para uma palavra dada, a lista de sinônimos é então importante), ou os dois termos são ditos sinônimos (sinonímia absoluta) quando são intercambiáveis em todos os contextos, e, então, não existem verdadeiros sinônimos senão entre duas línguas funcionais (por exemplo, em português, em zoologia, a nomenclatura científica e a nomenclatura popular oferecem numerosos exemplos de sinonímia absoluta). Além disso, duas unidades podem ter o mesmo referido e só se empregar em contextos diferentes: *O copo de pinga* é, sem dúvida, um *copo de aguardente*, mas o aparecimento de um ou de outro depende de tais restrições que há poucas oportunidades de eles serem facilmente intercambiáveis se tivermos em conta o contexto sócio- cultural. (...) A sinonímia pode ser completa ou não, total ou não. (p. 555)

Assim, as palavras ganham sentidos no contexto em que são empregadas, depende da situação para saber se é possível substituir, ou não, uma palavra por outra. Frente a essas reflexões, o professor pode buscar uma contextualização, ao invés de simplesmente visar às classificações. Os livros didáticos têm provado que passam anos e anos, porém ainda se cometem inúmeros erros, como se observa no exercício abaixo.

Exercício 3- (Novíssima gramática ilustrada Sacconi, 2010, p.84)



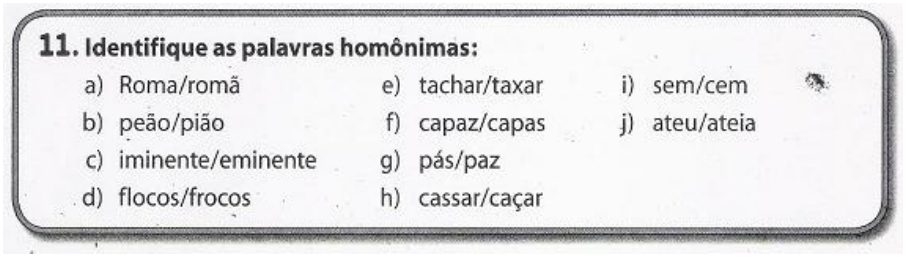
3. **Transcreva todas as frases, usando no lugar da palavra em destaque seu sinônimo (escolha uma das palavras propostas entre parênteses):**

a) O homem era muito **educado**. (preguiçoso - sonolento - fino - grosso)
b) O meu trabalho é **distinto** do seu. (diferente - igual - semelhante - melhor)
c) Meu pai e minha mãe têm profissões **congêneres**. (distintas - opostas - semelhantes - ruins)
d) Seu irmão é muito **cainho**. (engraçado - avarento - estudioso - briguento)
e) Eu ri **muito** no circo. (à beça - pouco - escondida - contra a vontade)
f) A criança nasceu com um defeito **congênito**. (muito feio - na testa - de nascença - no nariz)

No Exercício 3, percebemos que assim como os exercícios citados anteriormente não são ligados a contexto sócio- cultural e nem levam a uma reflexão, não leva o aluno a inferir o significado das palavras. Somos seres culturais criamos a linguagem, o trabalho, a sociedade, a religião, a política, a ética, as artes e as técnicas, a filosofia e as ciências. (CHAUÍ 307) Além de não questionar qual o nível de proximidade entre as palavras, limita a uma resposta, sem possibilidades de o aluno transcender e ampliar seus conhecimentos. Assim, cabe ao docente explorar de forma sábia e minuciosa os exercícios com a finalidade de suscitar nos alunos a competência lexical.

Seja antonímia, sinonímia ou homonímia, todas precisam ser trabalhadas por meio da luneta lexicultural. Alguns livros tratam a homonímia como palavras com a mesma grafia (homógrafas), ou a mesma pronúncia (homófonas), mas sentidos diferentes. Já a polissemia é apresentada como uma palavra que possui mais de um significado. Segundo Dubois (1978), no léxico, *homônimo* é a palavra que se pronuncia e/ou que se escreve como outra, sem ter, porém o mesmo sentido. Segundo o mesmo autor, chama-se *polissemia* à propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos. Verificaremos como ambas estão sendo usadas nos livros didáticos.

Exercício 4- (Novíssima gramática ilustrada Sacconi, 2010, p.87)



11. **Identifique as palavras homônimas:**

a) Roma/romã
b) peão/pião
c) iminente/eminente
d) flocos/frocos
e) tachar/taxar
f) capaz/capas
g) pás/paz
h) cassar/caçar
i) sem/cem
j) ateu/ateia

Exercício 5- (Português Linguagens, volume único, Ensino médio, Cereja 2003, p.203)

Veja o anúncio ao lado.

Na parte superior do anúncio se lê o seguinte enunciado: "Todo mundo pro xadrez".

a) Que palavra desse enunciado apresenta polissemia?
b) Qual é o sentido dessa palavra, considerando apenas a parte verbal do anúncio?
c) Que novo sentido ela apresenta quando se considera também a parte visual do anúncio?
d) Que outros sentidos dessa palavra você conhece?

(*Veja*, 17/1/1996.)

O Exercício 4, como o 1 e o 3 apresentados, foram colocados no livro fora de um texto e de um contexto, enquanto o 2 e o 5 apresentam a linguagem não verbal, mas mesmo assim, não levam em conta a cultura. O 5 foi o que mais instigou ao aluno a participar de forma única e pessoal. Esses exercícios que usamos no nosso trabalho foram para representar outros milhares que estão sendo usados nas escolas. Não podemos generalizar e dizer que nenhum livro trabalha o léxico e a cultura juntos, mas desconhecemos qualquer um que tenha essa natureza. O que presenciamos durante a caminhada de docente são exercícios que muita das vezes pedem a consulta de dicionários, mas amplia muito pouco a competência lexical do estudante, pois são exercícios mecânicos e repetitivos. Eles são ineficientes para a aprendizagem linguística e cultural dos estudantes, isto é, não exigem do aluno inferências e questionamentos, mas respostas prontas, pois dizer se é Roma ou romã não exige nenhum conhecimento lexicultural é um exercício de memorização, deixando assim de contribuir com a competência comunicativa do discente, porque é necessário que se faça um amplo e contextualizado estudo das palavras para que elas não sejam somente reproduzidas, porém que sejam aplicadas a um contexto. Assim, Dias que também faz uma análise do livro didático, salienta:

> (...) o que existe mesmo na escola, em relação ao ensino do vocabulário, é que muitos professores não ensinam o aluno a enriquecer seu vocabulário e, simplesmente, em geral, ditam os sinônimos mais coerentes ou formulam, eles mesmos, os significados, pressupondo as possíveis dúvidas dos educandos. (DIAS, 2006, p.196)

O professor tem um papel muito importante no ensino do léxico, pois ele tem a missão de estabelecer um elo entre a linguagem, a cultura e o social. O ensino do léxico deve estar inserido nos contextos sociais nos quais as palavras estão inseridas, pois dependendo da situação em que são empregadas apresentam sentidos diferentes. Com isso, percebemos que esses exercícios de forma isolada e descontextualizada, levam o aluno a responder de forma mecânica e automática sem se preocupar com uma verdadeira reflexão cultural e lexical, pois os exercícios não fazem associações e inferências. Este tipo de pesquisa busca definir o significado das unidades léxicas e não contextualizar. "Um dicionário é uma obra para consulta rápida, na maioria das vezes, para sanar dúvidas na produção ou na leitura de textos os mais diversos sobre os mais diversificados assuntos" (COELHO, 2008, p.49). Assim,

acrescentam muito pouco à competência comunicativa do falante. É no texto que a palavra se realiza e de onde se pode determinar o conteúdo semântico (DIAS, 2006, p.196).

Precisamos que os livros didáticos sejam uma ponte que leve os alunos a adquirir uma competência comunicativa que tecem os elementos culturais, sociais, identitários, geográficos e linguísticos. Assim, os educadores precisam ao selecionar ou manusear os materiais didáticos, não se esquecerem de que o ser humano se constitui culturalmente por meio de ações individuais e sociais, ações dinâmicas que envolvam o raciocínio e não apenas as repetições.

Todavia, o estudo lexicultural no âmbito do português como língua materna é importante e se explica pelo fato de que tanto o léxico como a cultura fazem parte do cotidiano dos alunos e também são fontes ricas de conhecimento. Nesse sentido, é importante que o docente use os exercícios mesmo que sejam insuficientes para o objetivo, mas que use os como um suporte para seu alvo.

Ancorado na linguística lexical este estudo apresentou uma visão fechada, repetitiva e ineficaz do ensino do léxico, por meio das atividades de vocabulário apresentadas pelos livros didáticos, os quais definem os significados das unidades léxicas sem contextualizar, desvalorizando o conhecimento sociocultural e linguístico do aluno, logo cabe ao professor auxiliar os alunos a reconhecer os recursos lexicais, culturais, históricos, sociais e semânticos usados nos textos, juntamente com os efeitos de sentido. Se os alunos entenderem a carga lexical, semântica e cultural da palavra, os resultados serão produções textuais persuasivas, coesas, coerentes e inteligentes e facilidade para interpretar músicas, filmes, exercícios, ou seja, textos de toda natureza. Em suma, os materiais didáticos e os professores precisam acompanhar a evolução, ficar preso em uma estrutura metódica e repetitiva, não preparará cidadãos para esse mundo que assim como a língua está em constantes mudanças.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria lingüística**: teoria lexical e teoria computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CÂMARA, J. M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**: Linguística e Filologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**: volume 1: ensino médio. 5 ed. São Paulo: Atual, 2005.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**: volume único: ensino médio. São Paulo: Atual, 2003.

CHAUI, M. **Convite a Filosofia**. São Paulo: 12ª Ed Editora Ática, 2001.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo. Scipione, 2004.

COELHO, Braz José. **Linguagem conceitos básicos**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

COELHO, Braz José. **Linguagem** – lexicologia e ensino de português. Catalão: Modelo, 2008.

DUBOIS, J. *et alii*.**Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

DIAS, Eliana. R**eflexões sobre o ensino do léxico na escola fundamental. In: Léxico e morfofonologia:** perspectivas e análises. Org. MARTINS, E; CANO, W; FILHO, W. Uberlândia: EDUFU, 2006.

FREGONEZI, Durvali Emílio. Livro didático de língua portuguesa: liberdade ou opressão? **O que quer o que pode esta língua? (**org. Maria do Rosário F.V. Gregolin. Maria Célia M. Leonel.) São Paulo: FCL - UNESP, 1997, p. 231.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In:OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p.91-100.

LYONS, Jonh. **Lingua(gem) e Linguística:** uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabra, 1987.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática completa Sacconi**: teoria e prática. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 16 ed. - São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção primeiros passos; 110)

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

VILELA, Mário Augusto Quinteiro. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1994.